

EQUADOR: MITOS, MEMÓRIAS E HISTÓRIAS¹

Ismerina do Nascimento²

O município de Equador – RN, como tantos outros, tem seu mito de origem, segundo relatos tradicionais, ligados à religiosidade, no caso específico, uma promessa a São Sebastião e a construção de uma capela. Iniciando seu povoamento em torno de uma grande fazenda e da atividade agrícola, o referido povoado inicia sua formação na segunda metade do século XIX e é elevado à categoria de município em 1963. Dessa forma, ultrapassa um século de sua existência e chega aos dias de hoje como uma cidade que tem sua cultura construída ao longo do tempo fazendo-se necessário conhecê-la e registrá-la.

Esta pesquisa surgiu a partir de uma experiência pedagógica de trabalho com a história local. Partindo do pressuposto de que devemos priorizar nossas raízes históricas, sentimos a necessidade de construir uma trama histórica para o nosso município. Para tanto, se fez necessário à busca de informações que possibilitassem a produção do conhecimento acerca da História local. Nessa perspectiva, buscamos realizar a construção de uma narrativa histórica voltada para a cultura local, visando à produção de um material pedagógico de pesquisa para professores e alunos da rede municipal de ensino.

Tendo em vista a limitação da documentação, buscamos realizar um trabalho de coleta de dados utilizando variados tipos de fontes. Utilizamos relatos orais, onde fora priorizada a memória de membros da comunidade. Também nos apropriamos do patrimônio local, lugares que têm uma memória histórica e que contribuíram para a aquisição dos conhecimentos dos quais necessitávamos, tais como: casas, prédios, lugares, ruas e igrejas. Ainda nos apropriamos de documentos escritos (cartas, programas de festas, leis e arquivos da paróquia), fotografias, entre outras.

Torna-se visível que a História exerce um papel determinante para a compreensão das atividades humanas e proporciona meios para interferir na condução dessas ações. No entanto, o historiador necessita de procedimentos para a construção do conhecimento histórico. Na realização deste trabalho os procedimentos adotados em sua maior parte, estão voltados para a História Oral onde nos apropriamos da memória social através dos relatos de sujeitos que estão atuando com colaboradores da pesquisa. Os depoimentos coletados serão utilizados para a interação de um diálogo entre eles e a História Oficial.

1 Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Local Para Além das Fronteiras: Fontes de Pesquisa e Metodologia Aplicada”, durante o XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PB, realizado no Campus da Universidade Federal de Campina Grande, em Cajazeiras (PB), entre 23 e 28 de julho de 2006. Este texto faz parte do trabalho de pesquisa que está sendo desenvolvido pela referida aluna para a conclusão do curso de especialização em Historiografia e Ensino de História na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG sob a orientação do professor Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza.

2 Licenciada em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Pós-graduanda da Especialização em Historiografia e Ensino de História na Universidade Federal de Campina Grande

Dessa forma, as entrevistas serão utilizadas como ponto de partida para a execução do trabalho.

Sendo a memória nossa maior fonte de pesquisa e o método oral nosso aliado no intuito de reativar essa memória, buscamos fazer uma produção da História Local valorizando e priorizando a memória da comunidade, dos lugares e dos acontecimentos.

A historiografia de um lugar tem relação expressiva com o contexto social em que foi produzida. Ao utilizarmos a memória dos velhos e dos novos, dos acontecimentos passados e presentes, podemos proporcionar um encontro de idéias que abrirão caminhos para o questionamento de fatos e verdades até então adotadas como únicas.

Ouvir e aprender com os mais velhos eram práticas comuns do passado. No entanto, a partir dos anos 50, surge nos Estados Unidos o método da História Oral, associado ao uso do gravador, para conhecer as experiências dos ex-combatentes de guerra, familiares e vítimas da Segunda Guerra através de relatos orais. No Brasil, a História Oral chega em 1973 quando foi criado o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, da Fundação Getúlio Vargas que buscava, através de relatos orais, pensar o Brasil daquele período. No entanto, somente nos anos 90 ela experimentou uma expansão mais significativa.

De acordo com CASTRO (1997), o uso do método da História Oral tem sido um importante meio para dar voz às pessoas comuns, bem como um intenso intercâmbio com a Antropologia³, através do qual é permitido transformar mitos, rituais e imagens em fontes históricas.

A utilização desse método propõe reunir e sistematizar imaginários não no intuito de reconstituir fatos passados e presentes como verdades históricas, mas como a tentativa de captar o que existe preservado na memória da população.

Os relatos orais nos proporcionam conhecer os costumes, os comportamentos e o cotidiano que serão trazidos até nós através da fala. Esta, transporta-nos a tempos e lugares de práticas e discursos que nos possibilitam a compreensão do individual e do coletivo.

De acordo com MONTENEGRO,

“A descoberta e a apropriação da fala resultam num processo de interiorização e transformação do imaginário popular que se reconhece, que se redesenha em um outro lugar da sociedade.” (1994, p. 40).

Nesse sentido, THOMPSON também mostra a importância que os relatos orais têm no sentido do uso da fala apontando ser um meio de “fazer com que as pessoas comuns

³ Esta ciência, a partir de meados do século XIX, deu atenção a novos temas com família, o modo de pensar, os mitos, o cotidiano, o privado e o individual.

confiem em sua própria fala”⁴. Dessa forma, além da contribuição para o desenvolvimento do trabalho, também consiste em um meio de inserção social das pessoas menos privilegiadas em especial, os idosos, guardiões da memória social que tem suas experiências esquecidas por falta de registros.

No entanto, não podemos esperar que o relato de experiências e conhecimentos traga consigo todos os fatos ocorridos e que desejamos obter, pois é comum que o sujeito faça uma seleção dos fatos significativos para ele e que foram dignos de permanecerem na memória.

“Toda narrativa é sempre e inevitavelmente construção, elaboração e seleção de fatos e impressões. Portanto, como discurso em eterna elaboração, a narrativa para a história oral é uma versão dos fatos e não os fatos em si. Convém lembrar que, por mais parecidas que sejam as narrativas dos mesmos fatos, cada vez que são reeditadas, carregam diferenças significativas”. (MEIHY, 2005, P. 56).

Durante séculos a história que interessava aos historiadores era aquela que oferecia uma visão centrada nos grandes acontecimentos, nos grandes vultos, enquanto que o resto da humanidade era relegado a segundo plano da história. Porém, a partir do século XIX com o advento da Nova História, as preocupações dos estudiosos passaram a se voltar para uma “História vista de baixo”, na qual foi inserida a visão das pessoas comuns, aquelas tratadas como anônimas por pela história oficial.

Essa mudança foi de grande importância para a aquisição do conhecimento histórico visto que é no cotidiano que se concretizam os aspectos essenciais de uma sociedade e onde os indivíduos mostram suas decisões relacionadas aos valores, aos padrões e aos conflitos vividos pelo grupo no qual estão inseridos. Dessa forma, nos voltamos para o cotidiano objetivando fazer uma produção voltada para a experiência daqueles a quem durante muito tempo “foi destinado um papel secundário no drama da história.”⁵

Na realização da pesquisa com os relatos orais, foram priorizados os relatos das pessoas mais velhas da comunidade e, sobretudo, daquelas pessoas nascidas nas décadas de 20, 30 e 40 que viveram as experiências do dia-a-dia nestas décadas. Estas foram selecionadas de acordo com sua inserção na sociedade levando em consideração as afinidades com os temas propostos – festas, religiosidade, política, histórias do cotidiano, assim como as questões relacionadas ao povoamento, mitos de origem, entre outras que forem surgindo no decorrer das entrevistas. A cada entrevista novos depoentes são apontados pelos entrevistados possibilitando a ampliação das fontes orais.

Na análise dos relatos, está sendo observado de que forma elas vêem os acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais no passado e no presente, levando em

4 THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 42.

5 BURKE, Peter. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992, p. 12.

consideração o lugar social de onde projetam suas versões, bem como a temporalidade transcorrida entre o vivido e o narrado visto que, neste segundo, já permeiam reflexões, julgamentos e questionamentos formulados no presente.

Considerando o lugar social do depoente, MEIHY argumenta que “*seja qual for a categoria de memória escolhida para verificação de identidade é fundamental que se leve em consideração o lugar social dos indivíduos ou grupos que projetam suas versões*”⁶, visto que não se deve pensar que as categorias da memória sejam únicas e independentes, autônomas e exclusivas.

O trabalho de pesquisa com a utilização do patrimônio, foi realizado com a colaboração de alunos do Ensino Fundamental, visto que, a pesquisa em discussão, consiste em, além da construção de uma narrativa histórica para o município, também em uma proposta pedagógica de trabalho. Na realização das visitas aos prédios e lugares antigos da cidade e nas entrevistas com proprietários e conhecedores destes, buscamos informações que irão contribuir para o desenvolvimento da nossa pesquisa.

De acordo com a Carta de Veneza⁷, o Patrimônio histórico são bens culturais móveis e imóveis, é a expressão cultural de uma sociedade que se reflete numa diversidade de formas e maneiras. O folclore, a literatura, as festas e tradições regionais, assim também a construção civil quer pública ou privada destinada tanto ao trabalho quanto à moradia, de ricos ou de pobres, são referenciais como expressão cultural de um povo. As edificações do passado representam bens materiais na identidade cultural de uma localidade, de uma nação e revestem-se da função de “monumento insuperável da história de que é testemunho e do momento que o situa”.

Nesse sentido, buscamos nas visitas aos prédios e lugares antigos e registros fotográficos bem como nas entrevistas com seus proprietários e pessoas conhecedoras destes, argumentos que nos conduzam à aquisição de conhecimentos históricos acerca desses elementos.

Segundo CABRINI (1987), a história que exclui a realidade do aluno ou qualquer tipo de história por ele vivida impossibilita-o de interrogar sua própria historicidade. O contato com a realidade, proporcionará ao aluno uma melhor compreensão dos fatos ocorridos em sua sociedade tornando-o capaz de estabelecer relações com outras realidades históricas de outras sociedades. Para tanto, nada mais viável para a construção do conhecimento histórico do que a história do lugar em que vivemos. Dessa forma, o aluno terá a possibilidade de participar da produção desse conhecimento de forma ativa e sentir-se agente construtor da história, visto que, o objetivo principal do processo de ensino hoje,

6 MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral* - 5ª Edição. São Paulo: Loyola, 2005 p. 65,66.

7 CARTA DE VENEZA. Maio de 1964. Carta Internacional sobre a Conservação e a Restauração dos Monumentos e Sítios. Tradução: Suzana Cruz Sampaio (ICOMOS/SP – 1989).

segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), é a formação de cidadãos dotados de visão crítica da realidade para o exercício da cidadania.

Nesse sentido, o trabalho com a história local e mais propriamente com o patrimônio, torna-se uma forma de integrar o aluno com o meio em que vive no intuito de despertar no mesmo um sentimento de pertinência ao lugar. Também o reconhecimento dos bens de valor cultural que poderão estar ameaçados de destruição e por isso faz-se necessário o despertar da consciência para sua preservação a fim de manter viva o que se constitui uma herança cultural.

Ainda na produção de fontes, estamos utilizando acervos fotográficos dos depoentes e outros arquivados contidos nas secretarias municipais. De acordo com CARDOSO (1997), a fotografia constitui uma leitura não-verbal que varia de acordo com sua época e com quem faz a leitura. A partir do momento em que é tirada já sofre influência da visão de mundo em seus aspectos sociais, culturais e políticos que deverão ser considerados por pelo historiador/pesquisador.

Ela também representa uma marca cultural de uma época não só pelo passado ao qual nos remete, mas pelo passado que traz à tona. Nesse sentido, ela deixa de ser apenas uma imagem e torna-se uma mensagem através da qual podemos construir uma nova versão dos fatos. A partir de então ela torna-se tanto um documento quanto um monumento.

Como documento, revela aspectos da vida material: as formas de trabalho, a arquitetura, as relações sociais... Torna-se uma forma de comunicação entre passado e presente. Como monumento, ela aparece como agente de criação da memória onde é priorizado certo momento para ser legitimado ou preservado.

Nesse sentido, sendo a fotografia uma mensagem, ela é composta por um sistema de signos não-verbais que deverão ser analisados de forma interpretativa pelo historiador para a construção do conhecimento histórico. Em nosso trabalho elas implicarão numa fonte que será classificada como lugar de memória e serão interpretadas de acordo com os fundamentos supracitados.

É nessa perspectiva que nosso trabalho, através da apropriação da memória da comunidade, dos lugares e dos acontecimentos busca transformar em conhecimento histórico as atividades e os conhecimentos daqueles que vivenciaram os costumes e as tradições que constituem até hoje uma identidade cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade, lembrança de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1982.

BLOCH, Marc. *Apologia da História e o ofício do Historiador*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História* – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.
- _____. *A Escrita da História*. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.
- CABRINI, Conceição. *O ensino de História: uma revisão urgente – 5ªed.* – São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CARDOSO, Ciro Flamarion / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro.
- CASTRO, Hebe. *História Social*, In: Ciro Flamarion Cardoso / VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1992.
- _____. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 1996.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral - 5ª Edição*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada – 3ª Edição*. São Paulo: Contexto, 1994.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e Silêncio*. In: Estudos Históricos, (memória). Rio de Janeiro, 1989.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.